

A ILLUSTRAÇÃO

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Pétersbourg
Assinatura 25 Francos

Anno.
Semestre
Avulso
No mês de Junho 11 francos por número de Junho por 1200.

2.º Anno. — Volume II. — Número 15.

PARIS 5 D'AGOSTO DE 1885

Director : MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

GARDA DE NOTÍCIAS, 20, R. da Consolação.
Assinatura

Anno. Chefe 12.000
Semestre 6.000
Anno. Periodico 14.000
Avulso 500



A NOVA ESTATUA DE VOLTAIRE, INAUGURADA EM PARIS NO DIA 14 DE JULHO.

ECA DE QUEIROZ

Temos já em nosso poder um curioso trabalho do romancista português acerca de Victor Hugo. Sera publicado no proximo numero da Ilustração.



PORUGAL EM ANVERS

Devo dizer o francamente, com tanta franqueza que não faço parte de nenhum partido, e que olho para a Portugal com o mesmo interesse com que a minha criada segue na China o precioso comércio dos nichos d'andorinhas... Foi com uma certa desconfiança, e com um certo receio que, ao achar-me no recinto da exposição universal, me dirigi para a secção onde fluctuava a bandeira azul e branca. Desconfiança por causa da precipitação com que tudo se organizara; receio d'assistir a um fiasco do meu paiz, diante de todas as nações europeias...

Horas depois desconfiança e receio tinham desaparecido, — e orgulhava-me por ver que triunfo Portugal tinha conquistado, com sua exposição de produtos coloniais...

Portugal é um dos rares países da Europa onde os próprios indígenas mais desconfiam do próprio talento e da própria iniciativa. Ha espalhado pelo reino um bando de insignificantes — que eu desejaria ver levados em chumbo para a forca! — que tem por único ofício dispôr d'um sorriso de desdém e d'uma phrase de troça, diante de tudo quanto se queria emprender de original e de superior. E este bando não se introduz nas questões literárias, artísticas ou científicas com um atrevimento e uma impudicida dignas de vários marmelheiros em lombos de tais críticos, — mas também se insinua nas indústrias, no comércio e na agricultura, levando a toda a parte o desânimo, convençendo todos os que trabalham que não passam d'uns imbecis, de quem a Civilização se ri todas as manhãs, ao abrir a jangada do seu quanto!

Este bando da má-língua, esse grupo obsceno dos descrentes, exerce uma tal influência sobre os espíritos e tem-se de tal modo introduzido na imprensa, ostentando um pernicioso idiota e de contrabando, — que é necessário que todo aquele que trabalha disponha d'um grande orgulho individual e patrio, para produzir alguma coisa e romper. O artista modesto e pouco audacioso, esse necessariamente fica em meio do caminho. A má-língua mete-o em duas horas...

Quando, por exemplo, Eça de Queiroz escreveu o *Crime do Padre Amaro*, o bando, camarillo ou quadrilha, torcendo-se de desespero, não podia admitir que em Portugal houvesse talento bastante para produzir uma obra-prima — e decidio-se em conselho secreto d'imbécis e de caluniadouros que se afirmasse por todo a parte que o *Crime* era roubado da *Faute de Sophie* de Zola... romance escrito anos depois de ter aparecido o romance de Queiroz!

Quando estes e Ramalho fundaram as Farpas, a mesma quadrilha não podendo admitir que

dois portugueses pudessem ter tanto espírito e tanto bom-senso por vez, resolvou fazer correr que as Farpas eram roubadas das Guipés d'Alphonse Karr, — quando a verdade é que as primeiras Farpas se educaram nas famosas chroniques de Rochefort, quando Rochefort era apenas um literato e não um jornalista político.

Quando apresentaram no *Diário Popular* e no *Jornal do Comércio* de Lisboa uns soberbos folhetins de crítica mundana e literária, assinados Valentim de Lucas e *M. Inicial* e pseudónimo que occultavam o nome de D. Maria Amália Vaz de Carvalho — a quadrilha fazia constar que aquelles folhetins eram feitos pelo marido da dissemita escritora... Só depois da morte d'aquele grande poeta que se chamava Gonçalves Crespo, e passado o prazo de lucto, é que um certo público teve então occasião de ver que a escritora disponha do mesmo brilho e do mesmo elegância de critica e de phrase,

Quando um maestro português escreve uma ópera e deseja fazê-la cantar em S. Carlos, o director do theatro começo por fechar todas as portas; o ministro mandalhe dizer pelo continuo que o não pode receber; e os críticos riem-se d'elle à porta da Flavaneira. É necessário que o artista faça cantar a sua ópera no extranganje e seja ali aplaudido... para então o tomarem a serio.

Como nem toda a gente pode vir passar quinze dias a Paris, nem toda a gente ainda se quer convencer de que no theatro de D. Martin IV se está representando com o mesmo cuidado, com o mesmo escrupulo, a mesmo *mise-en-scène*, e ás vezes com mais luxo do que se representa na *Comédie-Française* no Gymnase e no Odéon. E quando o actor Brazão, um dos artistas portugueses que mais estuda, que mais trabalha, que mais paixão tem pela sua arte, deseja interpretar os personagens de Victor Hugo e de Shakespeare — todos gritam contra o atentado, contra a profanação, contra o escândalo, como se a todo o artista não assistisse o direito de representar os papéis que melhor lhe vão. E todas as críticas que se lhe fazem não é com o fim de pôr em relevo as belezas do trabalho e mostrar quais foram as hesitações do artista, — mas unicamente com o firme propósito de desanimar, de lhe despedazar o desejo de continuar a vencer as grandes dificuldades da sua arte...

E esta desonesto e esta má-língua tem-se espatulado por todas as camadas, tem espalhado o desânimo em todos os espíritos. Ninguém tem confiança absoluta no proprio mérito, nem nas forças que o paiz ainda encerra. Cada português se considera hoje um ser em plena decadência, um desprezível e miserável *fidalgo*, pertencendo a um paiz que imagina ser o ridículo permanente da Europa.

E é o partido da má-língua que tem sido a única causa d'este desânimo edeste abatimento. A nossa salvação, o melhor modo de levantarmos rapidamente a cabeça e sermos em face da Europa um povo digno da mesma consideração que dispensam ao povo belga e ao povo holandês — consiste no seguinte:

1.º — Conter a paiz, todo aquello que sorrir de qualquer iniciativa particular.

2.º — Correr a tiro, todo o individuo que for apanhado em flagrante delito de mentira ou de intima, apenas com o fim de lançar o descredito sobre uma obra exclusivamente portuguesa.

Também a má-língua me tinha dito que eram simplesmente indecentes os nossos produtos coloniais. E Portugal apresenta na exposição d'Anvers uma secção de produtos coloniais que ficou adiante da secção francesa e da secção belga.

Que vergonha a tal secção belga, chamada secção do Congo. Que vergonha e que audacia! Lembram-se ainda do famoso congresso de Berlim? da vontade com que estao Leopoldo II e Stanley de fazer do Congo, não direi um Bos-

que de Bonha com prascio de carruagens par cocotes, mas pelo menos um lugar de prazer e de economia, com sombras de palmeiras e jantares a trez tostões por cabeça, vinho e café comprehendidos!...

Ora todo o visitante que corre na famosa secção, pensa encontrar lá dentro algum producto do Congo. Se a alma do bom visitante, no dia do juizo, encontrar com a mesma facilidade o antigo corpo a que andava ligado, está bem servido S. S! Porque produtos, nem um! Se um agricultor ingenuo anunciasse uma exposição de melões, e lá dentro, em vez de melões, nos mostrasse apenas o dinheiro com que se compram as pevides — era ainda assim menos digno da nossa colera que a tal Associação africana!

O que a Belgica expõe sob o titulo de Congo, são apenas os objectos que exporta para o comércio com os negros. Velhas armas, velhos fardamentos, chitas de riscas e de ramagons, missangas, vidros de cōres, medalhas de latão, tenitos, colheres e garfios d'estanho, plumas para lisongear todos os Makokos ainda não revelados, bugigangas de chumbo — um verdadeiro bazar de trez objectos por cinco reis!

A França, que ocupa um quinto da área da exposição e que é a primeira nação expositora, no seu pavilhão da Cochinchina limitou-se apenas a fazer uma amostra de preciosos *bric-a-brac*.

E só Portugal nos mostra riquezas de café, de algodão, de aguas-ardentes, de madeiras; só Portugal mostra a Europa o que é a África, quantas preciosidades ha a extrair d'aquele solo, quantos tesouros possue aquelle continente para onde está hoje voltada a atenção de todo o mundo civilizado.

E dizer-se que o governo português tinha resolvido não concorrer a exposição d'Anvers, restando fazer mi figura! — e que se não forá Pinheiro Chagas, um dos páucos mas valentes espíritos que ainda confiam no que pode e no que vale o seu paiz, Portugal não teria ocupado o lugar brilhantíssimo que hoje ocupa, Portugal não teria provado a Europa que é ainda uma nação colonizadora, capaz de se colocar ao lado da Holanda e da Inglaterra!...

Esta vitória, em plena exposição internacional, é d'uma incalculável importância para o nosso paiz, — e principalmente por ser uma nova vitória sobre a imensa quadrilha dos descrentes.

E necessário combater dia e noite contra a conspiração da má-língua e do desdém por tudo quanto é português. E necessário que todos os espíritos fortes se agrupem, para resistir a maldecendo dos ignorantes com audácia, dos desdenhosos imbecis. E necessário trabalhar firme e honestamente, sem descansar um minuto sequer, para dar ouvidos aos cães que ladram. E necessário que Portugal se faça representar por toda a parte. E necessário que todo o paiz se lembre que d'aqui a quatro annos se abre em Paris a mais monumental exposição d'este século, — e que Portugal deve fazer todos os sacrifícios de trabalho e de dispendio para ocupar o lugar brilhante que pode ocupar, entre todas as nações civilizadas que vão concorrer a exposição de 89.

E necessário compreendermos que somos um povo estropiado por mil falcatruas políticas, — mas que dispomos d'uma grande força e d'uma grande riqueza como povo agrícola e industrial, e que não somos nemhuns intrusos quando nos desejamos ocupar de todas as manifestações do pensamento humano!...

MARIANO PIRES.

Publicaremos no proximo numero o retrato do ilustrador medico brasileiro dr. Francisco Ferreira de Abreu, barão de Theresópolis, falecido ha pouco em Paris.

Prevenimos os cavalheiros que nos mandam poesias, contos, críticas literárias, científicas, artigos políticos, philosophicos, desenhos à pena, à lapise, mosaicos, etc., — que nos é absolutamente impossível responder ás dezenas de cartas que todas as dias recebemos; e que todos os originais enviados, sejam ou não sejam publicados, não serão restituídos.

Não se publica nenhum artigo que não venha assinado com o nome do autor.

A ILLUSTRAÇÃO dá publicidade a todas as obras de reconhecido mérito que lhe forem enviadas.

NOTA DA REBAGIÃO.



A ESTATUA DE VOLTAIRE

VOLTAIRE das curiosidades da festa do 14 de julho, sobre a qual já demos uma gravura no passado número, foi a inauguração d'uma estatua a Voltaire no Quai Voltaire, junto do edifício do Instituto de França, proximo da casa onde Voltaire morreu, casa que fica ao lado das grandes oficinas do *Moniteur Universel* e do *Monde Illustré* onde a ILLUSTRAÇÃO se imprime.

A propósito do sítio onde nasceu o grande philósofo do século XVIII pode-se repetir o dito d'um gazeta que mostrava Paris a um inglês, e que por três vezes passou diante de três casas diferentes construídas em diferentes sítios, exclamando diante de cada um: — « Aqui está, Milord, mais um sítio onde nasceu Molière! » A história não diz se o inglês continuava imperturbavelmente a tomar as suas notas sobre as três casas onde Molière tinha nascido... É de crer que tomasse!

Ora Voltaire também no que parece nasceu em sítios diferentes! O que é um facto é que a aldeia de Chatenay o considera como seu filho, e por outro lado Paris afirma e tenta provar que Voltaire é parisiense... Parisiense ou Chatenayense, Voltaire nem por isso deixou de ser uma das glórias da França, das mais brilhantes e das mais fecundas. Também dez cidades da Grécia antiga reivindicavam para si a glória de ter visto nascer Homero... .

A nossa gravura é um filé reprodução da excelente obra do escultor Caillié. Para garantir de que avançamos, basta olhar para o nome que a rubrica: — Ch. Baudé, o nosso ilustre colaborador. Voltaire, de pé, embrulhado na sua celebre robe-de-chambre d'um bello veludo carmezim, que lhe foi oferecida pela imperatriz da Russia, coberto com a grande cabellera de nos grisilhos que elle propriamente todos os dias, está appoiado sob a bengala, e pareco meditar n'um d'estes epigrammas que corriam toda a Europa. E esta a magra máscara do grande revolucionário do pensamento, a testa saliente, talhada para a lucta intelectual, este olhar petulante, esta boca largamente aberta para dar passagem às cataractas da palavra, e afogar os prejuizos d'um mundo sób ondas de verdade, .

Voltaire foi sempre muito desejado em todos as cortes estrangeiras. E ficou celebre a sua viagem á Prussia, quando o grande Frederico decidiu o philósofo a ir passar algum tempo a Berlim.

— Tu és Platão, escrevia-lhe Frederico... — Tu és Salomão, respondia Voltaire... — Tu és o precursor da humanidade, o rei... — Tu és o seu herói, replicava o philósofo... — Tu és um ralo de luxo tornava o despot, que não sentiu uma palavra do que escrevia... — Tu és o sol, respondi Voltaire, que por fim, exausto de metaphóras, se decidiu a fazer a viagem de Berlim...

Mas no fim de algumas mezes houve tantas desin-

tigências entre o monarca e o philósofo, que o risco de amabilidades recomeçava sob esta nova forma:

— O miserável!... escrevia Voltaire... — O scelerado!... respondia Frederico... — Não é Augusto, é Borgia!... Insinuava o philósofo... — Não é Virgílio, é um animal! afirmava o outro!... —

E consta até que as coisas se terminaram com algumas bengaladas dadas reciprocamente, para fazer doer!

Depois o philósofo foi viver para Freney, a porta de Genebra, um pé na Suissa, um pé em França; e foi dali que durante vinte annos, elle reinou sobre o mundo dos espíritos, dali que elle partiu para ir morrer a Paris, em plena apotheose.

Quando se soube que Voltaire havia chegado a Paris, donde estava ausente havia vinte e sete annos, houve um verdadeiro delírio. A multidão estacionava dia e noite defrente da casa, como defronte da casa de Victor Hugo quando o poeta dos *Châtiments* voltou do exílio. E quando Voltaire morreu, Paris e o mundo sentiram tanto a sua morte, como ha pouco aia lá quando se anunciou que tinha morrido o autor do *Ruy-Bias*.

Voltaire foi enterrado na igreja de Sellières; mas quando chegou a Revolução francesa o seu corpo foi transportado solememente para este mesmo Pantheon onde Hugo hoje repousa. Mas onde repousa o cadáver do philósofo? Ninguém o sabe? Quando ha annos se abriu o seu caixão — acharam o caixão vazio... Apenas existe o oratório de Voltaire, que ficara em testamento à família dos marqueses de Villette, e que hoje se pode ver n'uma sala da Biblioteca nacional de Paris.

De Voltaire existem mais duas estatuas. Uma no Instituto de França, um « Voltaire nu » escultura feita do natural por Pigalle. Esta estatua escandalizou imenso a sociedade do tempo; mas na sua correspondencia Diderot defende o escultor, que não sabendo fazer roupas fez a estatua nua. Como é natural, choveram os epigrammas, tanto mais que Voltaire nu, não era positivamente um Apolo. O rei da Sucia que vira a estatua, disse que estava pronto a concorrer para a compra d'un costume completo... E correu impresso o seguinte:

Voici l'auteur de l'ingénue;
Monsieur Pigalle l'a fait tout nu;
Monsieur Fréton le drapera...
Alleluia! .

A outra estatua, a celebre, a famosa estatua de Voltaire, é a do escultor Houdon, colocada no foyer da *Comédie Française*, em Paris. Esta estatua é uma maravilha de vida. Conta-se que Houdon recobrava da natureza uma tão poderosa facilidade para fazer viver as suas estatuas, que tendo esculpido um São Bruno para uma igreja de Roma, o papa Clemente XIII exclamou ao ver a obra:

— Se as regras da sua ordem não lhe prescrevessem o silêncio, estou certo que havia de falar!

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA EM ANVERS

VOSSO director Mariano Pina encarregou-se na sua *Chronica* de fazer a notícia critica da secção portuguesa na Exposição universal de Anvers. Portanto só temos a dar alguns esclarecimentos das photogravuras que publicamos.

Para maior rapidez, mandámos reproduzir as photographias que recebemos de Anvers pelo sistema da photogravura, e também para que conservassem todo o carácter d'um bom documento oficial. As photographias de que nos servimos são eguais ás provas que os comissários portugueses mandaram para Lisboa, para o Governo e para a Sociedade de Geographia. Foram os srs. Francisco Chamizo e António de Castilho que prestaram á ILLUSTRAÇÃO esta grande finezza que tanto nos pombar. As photographias foram tiradas por um amador, ás vezes em momentos em que a luz não era favorável. Elas a-

não porque algumas não possuem uma grande nitidez.

Além dos dois cavalheiros já citados há ainda mais um outro comissário, o sr. Jerónimo da Silva, um distinto empregado do ministério das Obras públicas.

Como o governo português não quizesse fazer se representar em Anvers, por também o não ter feito em Amsterdam, a exposição das colônias portuguesas foi feita pelo *Sociedade de Geographia de Lisboa*, concedendo-lhe o ministro da marinha um subsídio de 18 contos de réis. É por este facto que sobre as duas torres da fachada portuguesa figuram a bandeira de Portugal, e uma bandeira azul com o nome da Sociedade de Geographia.

Para reunir todos os importantes e variadíssimos produtos expostos, o ministro da marinha encarregou António de Castilho, antigo secretário geral em Goa e em Cabo Verde, de ir a África falar com os mais importantes agricultores e instar com elles para enviarem os seus produtos. António de Castilho percorreu para este fim S. Vicente, S. Thiago, Guiné, Príncipe, S. Tomé, Ambroz, Lourenço, Barra do Bengo, Barra do Dande, Alto Dande, Quanza, Benguela, Catumbela, Novo Redondo e Mossamedes.

Em toda esta sua peregrinação, o inteligente e activissimo delegado do ministerio da marinha foi acolhido com os maiores sympathies por todos os grandes agricultores e autoridades locais. Queríamos citar os nomes de todos quantos concorreram para o bello éxito da exposição. Faltou-nos o espaço. Mas não podemos deixar de citar os nomes de Ferreira do Amaral, governador de Angola; de Max Astrid, de Bolama; José António Freire Sobral, de S. Tomé, que enviou uma riquíssima coleção de 85 products; de Vicente Patrício Alves e D. Francisca Manteria, de S. Tomé; de José Luiz de Miranda Abela, de Cabo Verde; etc., etc. É também digna de grandes louvores a Empresa de navegação d'Africa que transportou gratuitamente cerca de 800 volumes.

O catalogo da secção portuguesa foi feito por António de Castilho; e todos os portugueses que tem visitado a exposição tem sido unanimés em elogiar os trabalhos dos ilustres comissários, srs. Chamizo, Castilho e Silva. A responsabilidade era grande, o orçamento pequeno, — e não era causa de pouca importância instalar uma secção colonial africana em plena Bélgica, no país onde a cada momento se debatem as famosas questões do Congo, de que deseja ser rei ou imperador Leopoldo II, rei dos belgas.

A secção portuguesa fica á direita da entrada principal da Exposição.

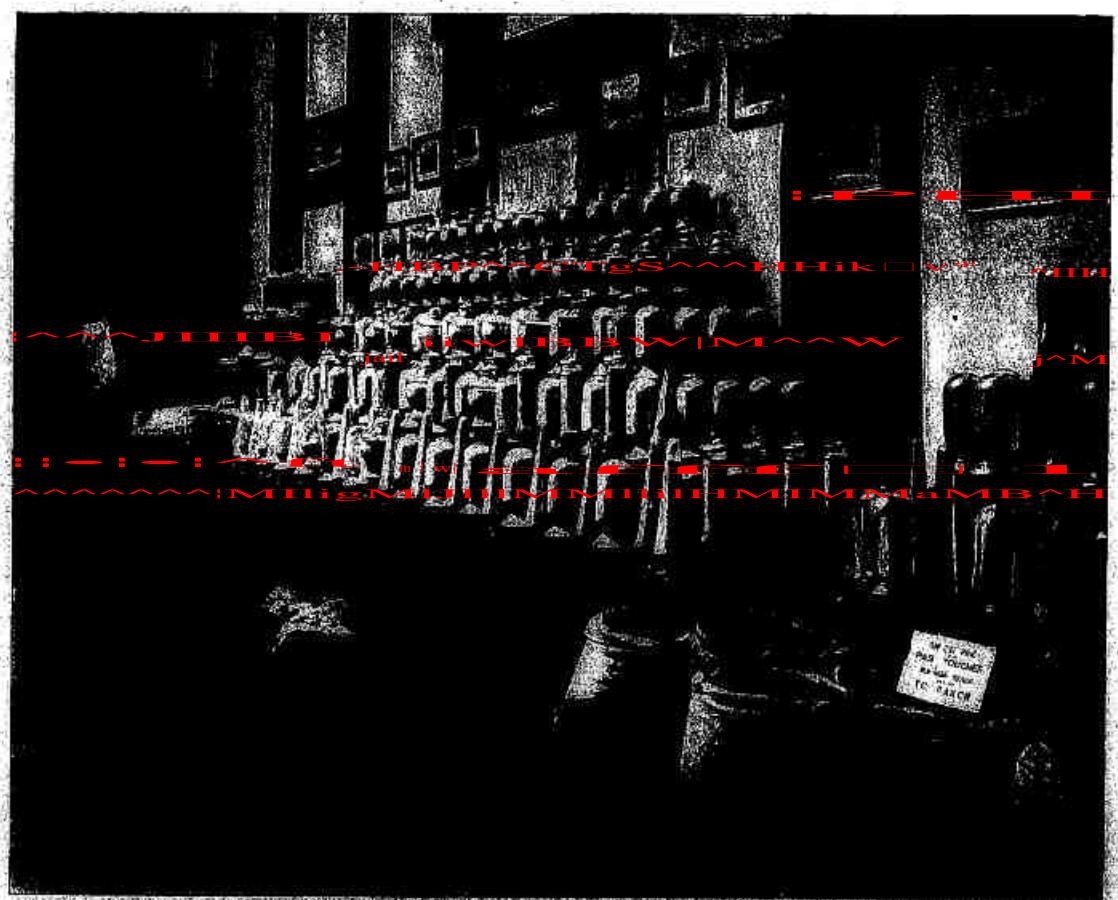
A EXPOSIÇÃO D'ANVERS

PARA completar a série de photogravuras que hoje oferecemos aos nossos leitores sobre a secção portuguesa na exposição universal de Anvers, não podíamos escolher melhor do que uma gravura representando a fachada principal de toda a exposição, e que dá a mais perfeita e completa ideia do aspecto pitoresco d'este grande certamen internacional.

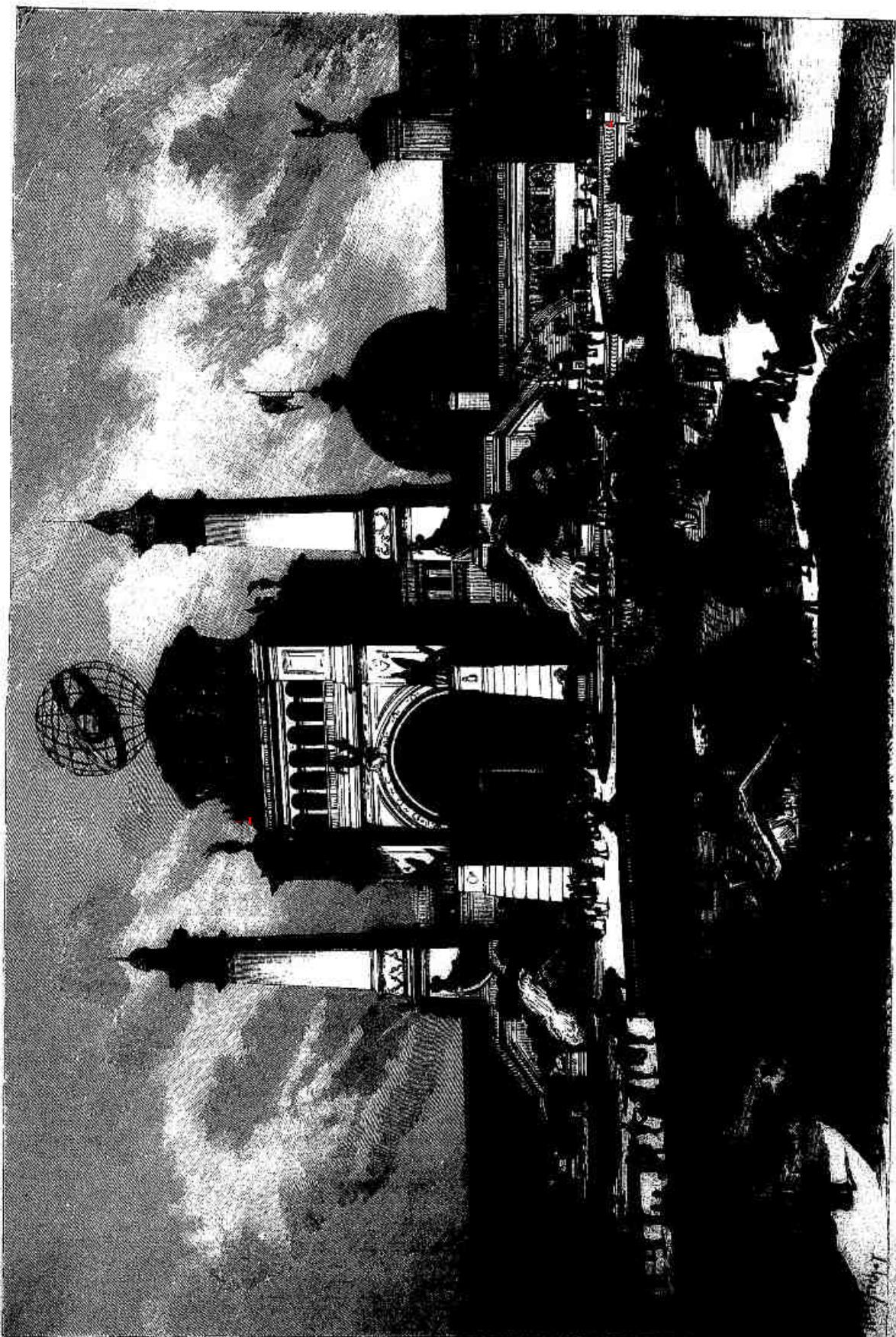
Ho pouco mais de anno e meio alguns negociantes de Anvers, orgulhosos do desenvolvimento e da beleza da sua cidade, conceberam o projeto grandioso de convidar a Europa, o mundo inteiro, a vir admirar a sua metrópole comercial, que se metamorphoseou em menos de meio século, sendo hoje o primeiro porto do continente europeu.

Este projecto devido apenas á iniciativa particular, foi realizado com uma promptidão verdadeiramente maravilhosa, atendendo a que todas as exposições universais exigem annos e annos de preparativos. Nos fins de junho de 85, depois de vencidas enormíssimas dificuldades, todos os trabalhos estavam concluidos, ocupando a Indústria e artesãos um espaço de 220,000 metros quadrados.

Todas as nações da Europa se fizeram representa-



PORUGAL EM ANVERS. — Vistas de diferentes salas da seção portuguesa.



A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE ANVERS

tar; só Portugal esteve um momento para não aparecer, como já não apareceu na exposição de Amsterdã. Mas Pinheiro Chagas, o ilustre ministro da Marinha, tomou à peito uma exposição das colônias; e graças a elle Portugal figura brilhantemente em Anvers. Mas na Exposição quem figura em primeiro lugar é a França, que só à sua parte ocupa um quinto da superfície total, contando para cima de 2,000 expositores.

Os expositores belgas attingem um numero de 2,400. A galeria das máquinas oferece um bello espetáculo; é iluminada a luz eléctrica. Está construída sobre os alegóricos da antiga cidadella do duque d'Alba, o torpe representante de Philippe II de Espanha. A sordidez brilha portanto no mesmo sítio onde se elevava outrora um dos mais sinistros monumentos d'opressão e de tortura. Por toda a parte a civilização humana prosegue na sua grande obra.

Sómente em dez annos Anvers modificou-se consideravelmente. A cidade estende-se em todas as direcções; e já se observa que é insuficiente a largura de 60 metros dadas ao novo cais, que tem uma extensão de 3,500 metros. As velhas construções da edade media, sucedem-se, bellos e magníficos palácios, e as fortificações aumentam em proporções colossais.

Chegando pelo mar, os grandes vapores podem directamente abordar ao novo cais onde vem dar um caminho de ferro, e uma série de guindastes hidráulicos operam imediatamente as descargas. A dificuldade estava em obter um suficiente tirante d'água para permitirem os grandes navios d'abordar aos cais. Os engenheiros belgas resolveram o problema apertando o leito do rio Escour. O cais é o testemunho da sublitação e da sua vitória sobre o rio. O que foi necessário empregar de scioncia, de tonacidade, de arrojo, de coragem, não se descreve. Mas o triunfo foi completo, e Anvers, graças aos seus melhoramentos marítimos é hoje a primeira cidade comercial do norte.

... Como nos sentimos tristes a contemplar estas palavras, lembrando-nos do que fôssem podia ser, as riquezas do comércio, do navegação, de indústria que podia chamar a si, se um governo patriota comprehende-se a necessidade de melhoramentos no porto. Lisboa podia ser no sul, fábrica, como é Anvers... Lisboa, com os melhoramentos no porto, podia ser a cidade mais fluorescente da península ibérica. Assim o entendeu Antonio Augusto d'Aguiar. E como assim o entenda e assim o queria escutar, porque é um patriota e um homem de genio, a política convidou-o... a sahir do ministerio! Quando deixara Lisboa de ser um cortiço de galopins eletrizantes, para se transformar n'uma cidade comercial e marítima, diante da qual se abrirá o mais bello e mais risonho futuro...

Olhem para a nossa gravura, e digam-nos se não é triste e desconsolador ver que ainda não há elementos em Lisboa para também construir um palácio assim, para provar ao mundo civilizado que também ali se trabalha de coração e d'alma, para o bem estar do povo, para a prosperidade e para a glória do país.

Em dois annos seguidos, dois pequenos países — a Holanda e a Bélgica — assombraram a Europa com os prodígios da sua inteligência e da sua actividade. Cabe agora a vez a Portugal de mostrar à Europa o que é o que vale...

ESTHER

O PINTOR cujo quadro hoje reproduzimos tratou com uma phantasia um tanto livre o assunto bíblico que tem tentado tantos pinçais. Modernizou os seus personagens, a ponto de lhes tirar uma grande parte do carácter legendário e quasi fabólico que elles possuem nos tempos remotos. Mas nem por isso o quadro de Zier deixa de ter brilhantes qualidades; é uma cena de gênero tratada com grande criterio, onde as figuras e os atributos são tocados com mão de mestre.

É uma obra que vem tomar lugar distinto na pre-

ciosa colecção de obras exclusivamente artísticas que a ILLUSTRAÇÃO tem feito passar diante dos olhos do público.

PINHEIRO CHAGAS

DANDO hoje aos nossos leitores uma série de gravuras reproduzindo varias salas da exposição universal de Anvers, seria uma falta imperdoável não publicar na ILLUSTRAÇÃO o retrato de Pinheiro Chagas, que na sua qualidão de ministro da marinha foi quem tomou a seu cargo e sob sua responsabilidade os preparativos da exposição, socorrendo-a com capitais bastantes para se chegar ao esplendor resultado a que se chegou. O governo português, como não tivesse respondido ao convito da Holanda para a exposição universal de Amsterdã, não só quiz fazer representar na da Anvers. Mas o ilustre ministro da marinha sabendo que a Bélgica ia apresentar uma secção especial do Congo, não quis que Portugal ficasse terrivelmente esquecido, como que mostrando fraqueza ou medo diante das nações civilizadas — e Pinheiro Chagas foi quem socorreu a Sociedade de Geographia com um subsídio de 28 contos de reis para, que a exposição das colônias portuguesas fosse por diante. Honra lhe seja!

As biographias de Pinheiro Chagas estão tão feitas e tão resfertas, são tão conhecidas do publico, que não francamente não sabemos que havemos de dizer aos nossos leitores do eminente jornalista que o nosso mestre durante annos, e com o qual mantemos as mais estreitas e as mais solidas relações d'amizade.

Quando o fundador e director do falecido *Diário da Manhã* era atacado impertinentemente pelos jornais de oposição, tivemos occasião de escrever algumas linhas, tentando traçar o curioso perfil d'este jornalista português, sem duvida o primeiro jornalista do seu paiz — pois que Ramalho Ortigão é um jornalista de gabinete à maneira de Wolff, de Henry Fouquier, de John Lemoinne; enquanto que Chagas é um jornalista de redacção, para dirigir e escrever um jornal inteiro, como Rochefort. Ao que parece, esta nossa afirmação chocou varios plumbáticos que ainda pensam primitivamente que para ser um bom jornalista, basta saber escrever um *artigo de fundo* verinoso, no genero d'aqueles que a muiado se publicam nos jornais de Lisboa, e que mais valia que nunca tivessem sahido do fundo dos tinteiros... O tal genero *artigo de fundo*, em cinquenta annos d'imprenta, o que deu em resultado foi esta imprensa sem um caracter definido; informação, acanhada, racchitica; jornais que morrem todos os dias para deixarem nascer outros ainda piores que os antecedentes, de mau aspecto, de mau papel, de mau formato, tendo uma organização deficiente e ainda mais detestável redacção. E não se vê em Lisboa nenhum jornal que pertença ao genero do *Tempo*; nenhum que siga a brillante estreira do *Figaro*, do *XIX Siècle* ou do *Journal des Débats*. O *Diário de Notícias* procura seguir as pisadas do *Petit Journal*, mas do *Petit Journal* ainda está muito longe em unidade de redacção. E note-se que em Lisboa ha muito talento, muito talento perdido pelas redacções, e parece uma anomalia que tanto talento não possa produzir um jornal bem feito. De quem é a culpa? Do *artigo de fundo*? Todo o jornalista que se revela habil, o seu fim não é ser jornalista, é ser deputado. Daqui, esta gymnastica dos artigos políticos feitos de lugares communs, onde raras vezes se escapa um traço que revele a inteligência que se vai perder. E se não cultiva o *artigo de fundo*, então o jornalista é um literato que só pensa no *hélim*; na *chronica*, nas phrases d'effet, dois ditos a Ramalho, uma tirade à Camillo, e um descriptivo à Eça — porque Zola é duro de roer... E para as outras diversissimas accções d'un jornal não ha ninguém — ha a thesoutra implacável a cortar sobre os jornais de provincial... E não se encontra um *chronista das Camaras* como Millaud do *Figaro*; um *chronista dos tribunais* como Albert Batallé; um *redactor* para fazer a *analyse* dos jornais do dia; um *chronista musical*; um *chronista* e

um critico teatral; um critico de pintura; um notícias, em fim! E dizem os novos jornalistas que em Lisboa se não ganha dinheiro. Ganham dinheiro, e não de ganhar cada vez mais, todos quantos se dedicarem ás mil especialidades do jognalismo, todos quantos estudarem no *Figaro*, no *Tempo*, no *Petit Journal* o que é fazer um jornal — porque em Lisboa o campo está livre. Ainda não apareceu ninguém para tomar a sério a sua profissão.

Ora foi Pinheiro Chagas quem no *Diário da Manhã*, por assim dizer, abriu escola; foi Pinheiro Chagas o único jornalista que modernamente soube fazer um jornal, que modernamente lançou jornalistas — quando de Teixeira de Vasconcelos, por que aprendeu em Paris, só havia a gloriosa recordação. Folheiem a famosa epocha do *Diário da Manhã*; assistam a todas as suas oscilações, a todos os seus revéses; vejam este jornal torturado por vicios d'administração, erros d'empresa, ratocínios políticos — mas sempre da propria desventura tirando coragem e brio, e levantando-se á altura de primeiro jornal moderno de Portugal. E vejam quem estava ao lado de Pinheiro Chagas — Gervasio Lobato, Guilherme d'Azvedo, Urbano de Castro e ultimamente Mariano Pina. Eram os colaboradores politicos, os homens do *artigo de fundo*, que comprometiam a folha todas as vezes que elle escreviam; eram os companheiros certos, os jornalistas por oficio e não por acazo, que de novo levantavam o jornal...

Das cinzas do *Diário da Manhã*, sahio o *Correio da Manhã*. A carreira que o novo jornal encetou é já hoje brilhante — exactamente porque do antigo *Diário* guardou os elementos que foram a causa das prosperidades d'outrora, e porque os nossos queridos collegas tiveram a coragem de pôr á porta de riu tudo quanto era nocivo, e que ás portas da Havanega tinha ares de cosa muito util.

Uma das cousas que irrita muita gente em Lisboa — referimo-nos sempre á gente da imprensa — é a exponensidade de Pinheiro Chagas, é a prodigiosa quantidade de papel que elle escurece todos os mezes, é esta febre do trabalho que elle herdou, não sabemos como, de Dumas pae e de Emile de Girardin. Isto mesmo, que é a sua gloria e que lhe tem garantido a sua independencia como jornalista, tem servido a varios sujeitos para o atacarem, para o censurarem, talvez até para sortirem d'ella. O atrevimento não conhece fronteiras — nem tão pouco a ignorancia!

Pinheiro Chagas, em producção e em qualidade de producção, pode estar ao lado de Emile de Girardin, de Henry Fouquier, o humorista e o fino filósofo que rubrica com pseudónimo de *Nestor* artigos semanais no *Gil-Blas* de Paris, e que diariamente collabora em trez jornais; de Pierre Veron, esta máquina de fazer espírito escrevendo todos os dias um artigo político no *Charivari*, um artigo de theatro no dia imediato ao da primeira representação ou da *reprise* d'uma peça, uma chronica todas as semanas, enorme, no *Monde Illustré*, uma chronica no *Journal amusant*, uma chronica no *Journal pour rire*, artigos vários de critica literaria, — e encontrando ainda tempo para escrever todos os annos um volume, quando não são dois, e uma peça de theatro!

O que nós mais admiramos em Pinheiro Chagas é o jornalista brilhante, apanhando com uma prodigiosa facilidade o assumpto, e analyzando-o n'um quarto d'hora em trez columnas de jornal. Os nossos leitores do Brazil tem agora mais uma occasião de apreciar nos soberbos folhetins que está escrevendo regularmente de Lisboa para o *Paiz do Rio de Janeiro*.

E em Pinheiro Chagas ha também a admirar o elegante orador moderno, cheio de subtilezas de estilo e de finas ironias que elle certamente adquiriu com a leitura d'autores franceses, e disposta d'uma opulenta rhetorica poninsular, tão colorida e tão animada como a de Castellar.

Como auctor dramático, duas peças suas estão sendo constantemente representadas ha vinte annos em theatros de Portugal e do Brazil. Reforçmo-nos a *Morgadinho de Valdor* e a *Magdalena*. Se os governos de certos paizes, como por exemplo o gover-



ESTHER. — Quadro de Eduardo Zier. — Gravura de Rauda.

no de Portugal no que respeita à França e o governo do Brasil no que respeita Portugal, tivessem já hoje compreendido que a propriedade literaria é uma propriedade — Pinheiro Chagas teria hoje uma fortuna com os direitos d'autor destas duas peças que contam milhares de representações, que tem enriquecido varios empresários, tirado de dificuldades varios artistas, sem que o autor tenha recebido cinco reis! Do autor dramático, além do *Drama do Povo* que ainda se não sabe porque caiu, e porque nenhum teatro de Lisboa ainda o não foi tirar da poeira onde jaz — temos a *Roca d'Heracles*, uma comédia que é um primor, que seria uma obra-prima para Lisboa... se trouxesse a assinatura de Octave Feuillet ou de Meilhac e Halevy.

Ainda temos em Pinheiro Chagas o orador político, o professor de literatura antiga no Curso Superior de Letras, o historiador, o romancista... Em todos os gêneros por onde este extraordinário espírito tem passado, o seu nome tem ficado sempre a rubricar alguma página importante. Toda a sua obra é formada de páginas soltas. Não é o artista enterrado no fundo do seu gabinete.



PINHEIRO CHAGAS, ministro da marinha

nete a produzir calculadamente, em cinco meses ou em cinco anos, o livro que há de deslumbrar. É o artista que está ao serviço do público a disponer todo o seu espírito, para lhe contar dia a dia, hora a hora, como deve ser encarado o que se passa ou o que se vai passar na vida do seu paiz.

É uma natureza extraordinária que nos maravilha; um carácter que é digno do nosso respeito; um espírito que é digno da nossa admiração, — um dos raros homens do seu paiz que tem conquistado admiração, aplausos, respeito e estima, apenas pela força da sua inteligência e pela sua coragem diante do trabalho!

Pinheiro Chagas conta 43 anos. Nasceu em Lisboa em 13 de novembro de 1842.

O ARCO DO TRIUMPHO

DESDE o mês de julho de 1882 que o Arco de Triunfo situado no alto dos Campos Elyseos, em Paris, este Arco de Triunfo sob cuja cúpula repousaram os restos mortais de Victor Hugo — mudou de aspecto.

Até aquella época o arco era formado apenas de



PORUGAL EM ANVERS. — Fachada da exposição portuguesa.

linhas rectas, e nem os proprios natos relévoes da coroação de Napoleão I e da Marselhesa alteravam a gravidade das suas linhas. Mas um escultor houve que achou o monumento bastante monotonio, e como este escultor era um amigo íntimo de Gambetta, convite lhe foi feito para apresentar um projecto de coroação do Arco de Triunho.

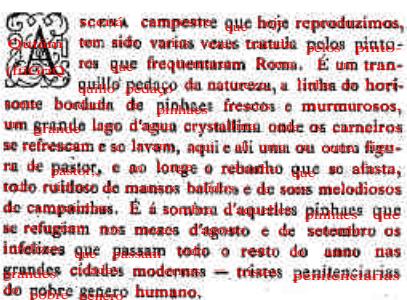
O escultor a que alludimos, um eminent artista, chama-se Falguière. O seu projecto, que reproduziu na página nº 236 da ILLUSTRAÇÃO, consta dum caminhão tirado por quatro cavalos e conduzindo uma figura allegórica da República. Os cavalos caminham ao galope, mas para os deter na caminhada estiveram os precipícios, só detidos pelas figuras da Leis de Justiça. Outros grupos allegóricos representando o Dever cívico e o Dever militar compõem o grupo.

Apezar das muitas avenidas que dão sobre a praça da Estrela ainda se ergue o Arco do Triunho, nem por isso o grupo de Falguière deixou de apresentar brillantes aspectos de cada lado que se coloque o observador. Por enquanto, sobre o arco, existe apenas a *maquette*. Mas vai ser votada em breve pelas câmaras a somma necessaria para a fundição em bronze, e é de crer que no anno de 1885 a obra esteja definitivamente concluída.

De resto, em Paris, estão-se activando todos os trabalhos que tenham por fim o embellecimento da cidade. A explicação é fácil. Em 1889, realizar-se em Paris uma grande exposição universal para comemorar o centenario da primeira república (1879). Nesta época deve estar ligado aos grandes boulevards oboulevard Haussmann; deve estar feita a nova gare de Saint-Lazare; concluída a rua Étienne Marcol; e concluído o caminhão de ferro metropolitano, construído por debaixo das ruas de Paris, e cujo projecto ainda está em discussão, devendo custar cada kilometro 990 contos de reis (fortes).

Quanto ao Arco do Triunho os nossos leitores o verão em todo a sua magestade na grande gravura do n.º 13 — 2.º anno da ILLUSTRAÇÃO, a propósito dos funerais de Victor Hugo.

ITALIA

scena campestre que hoje reproduzimos, tem sido varias vezes tratada pelos pintores que frequentam Roma. É um tranquillo pedaço da natureza, a linha de horizonte bordada de pinhaes frescos e murmurosos, um grande lago d'água crystallina onde os carneiros se refrescam e se lavam, aqui e ali uma ou outra figura de pastor, e ao longe o rebambu que se afasta, todo ruídosido de mansos balidos e de sons melodiosos de campainhas. É à sombra d'aquelles pinhaes que se refugiam nos meses d'agosto e de setembro os infelizes que passam todo o resto do anno nas grandes cidades modernas — tristes penitenciarias do pobre gênero humano.



A MULA DO PAPA

Neste todas as bonitas maximes, proverbiós e provélos ou adágios com que os nossos campões de Provença costumam se meter os seus discursos: não conheço nenhum mais brincalhão que o mais singular do que este. Em plena legião em torno do meu moinho, quando se fala d'un homem rancoroso, vinga-

tivo, diz-se: «Desconfiem d'este homem!... e como a mula do Papa, que guarda sete annos o seu coice.»

Procurei muito tempo donde este proverbio podia vir, o que era esta mula papal e esse coice guardado durante sete annos. Ninguém por aqui me esclareceu sobre este ponto, nem mesmo France Mahi, o meu tocador de piano, que portanto conhece o seu legendário provençal nas pontas dos dedos. France pensa como eu, que deve haver lá no fundo alguma antiga chronica do paiz d'Avignon; mas só se lembea de ter ouvido falar no proverbo...»

— «Onde o sr. encontrou isso é na biblioteca das Cigarras», disse-me, rindo, o velho tocador de piano.

A ideia pareceu-me boa, e, como a biblioteca das Cigarras fica ao pé da minha porta, fui passar para ali oito dias.

É uma biblioteca maravilhosa, admiravelmente montada, aberta aos poetas dia e noite, e servida por bibliotecários que nos tocam musica constantemente. Passai ali alguns dias deliciosos, e, depois d'uma semana d'investigações — de barriga para o ar — acabei por descobrir o que queria, isto é, a historia da minha mula e d'este famoso coice guardado durante sete annos. O conto é bonito, ainda que um pouco ingênuo, e vou procurar contá-lo tal qual o li hontem de manhã, n'um manuscrito da cõr do tempo, cheirando muito a alfazema...

Quem não viu Avignon no tempo dos Papas, nada viu em sua vida. Em alegria, folguedo, animação, brilho de festas, nunca nenhuma outra cidade lhe passou adiante. Era desde pela manhã até à noite procissões, peregrinações, ruas cobertas de flores, cardenses que chegavam pelo Rhône, bandeiras ao vento, galeras enginaldadas, os soldados do Papa cantando latim pelas praças, as matracas dos frades que pediam esmolla; depois, em todos os andares das casas que se apinhavam em volta do grande palacio papal, como abelhas em volta d'um curto, o tecto dos teares de rendas, o vae-vem das machinas bordantio o ouro das casulas, os martelinhos dos cinzeladores de galhetas, as cantigas das urdidoras; — e ainda por cima o ruído dos sinos, e sempre os sons dos tamborins que se faziam ouvir, lá ao fundo, do lado da ponte. Porque, pelos meus sítios, quando o povo está contente é necessário que elle danse, que elle danse; e como por estos tempos as ruas da cidade eram muito estreitas para a *fandangada*, pipafans e tamborins posavam-se sobre a ponte de Avignon, ao vento fresco do Rhône, e dia e noite levava-se a dansar, levava-se a dansar... Ah! o bom tempo, o tempo feliz! a feliz cidade! Alabariam que não feriam; prisioneiros do estado onde se mettia o vinho, para refrescar! Nunca intrigas; guerras tão poucas!... Eis como os Papas sabiam governar o seu povo; e ali está porque o povo tanto sentiu o fim dos Papas!...

Havia sobre tudo um, um bom velho, que se chamava Bonifácio... Oh! quantas lagrimas não correram em Avignon quando elle morreu. Era um príncipe tão amavel, tão bondoso; sorria-vos tão bem de cima da sua mula, e quando se passava ao pé d'elle, — ainda que fosse um pobre caçador ou um grande personagem da cidade, — detinha sempre a bênção tão polidamente! Um verdadeiro Papa d'Yvetor, mas d'um Yvetor da Provence, tendo o que que

fosse de fino no riso, um raminho de manjericão no barrete, e nada de distracções... A unica distracção que se lhe conhecia, a este bom padre, era a sua vinha, — uma pequena vinha que elle mesmo tinha plantado, a trez leguas d'Avignon, nos myrtos de Châteaneuf.

Todos os domingos, depois das orações, o digno homem ia-lhe fazer a corte, e quando estava lá em cima, sentado ao bom sol, a mula ao lado d'elle, os seus cardenses em volta, estendidos aos pés das cépas, mandava então desarrolhar um frasco de vinho da sua colheita — este bello vinho cõr de rubi que depois se ficou chamando o Château-Neuf-dos-Papas, — e saboreava-o a pequenos goles, olhando para a vinha com um ar enternecido. Depois, o frasco vazio, o dia tendo caido, entrava alegremente na cidade, seguido de todo o seu capitão; e, quando passava pela ponte de Avignon, per entre os tambores e as *fandangadas*, a mula, aquecida pela musica, começava a pavoncar-se, emquanta que elle lhe marcava o passo de dança com o seu barrete, o que muito escondia os senhores cardenses, mas obrigava a dizer a todo o povo: «Ah! o bom príncipe! Ah! o bom papa!»

* * *

Depois da sua vinha de Château-Neuf, o que o Papa mais amava n'este mundo, era a sua mula. O santo homem tinha uma paixão, pelo animal. Todas as noites, antes de se deitar, ia ver se a cavallaria estava bem fechada, se nada faltava na mangedoura, e nunca se levantou da meza sem mandar preparar na sua frente uma grande tiella de vinho à francesa, com muito assucar e aromas, que elle mesmo lhe ia levar, apesar das observações dos cardenses... É necessário tambem que se diga que o animal valia a pena. Era uma bela mula preta mosquada de castanho, a pata firme, o pêlo lustroso, a garupa larga e cheia, — sustentando orgulhosamente a cabeça secca, toda ajacizada de rosas de lá, de laços, de guias de prata, de borlas; e ainda por cima doce como um anjo, olhos meigos, e duas grandes orelhas sempre direitas, que lhe davam um ar impomente... Avignon intairo respeitava-a, e, quando andava pelas ruas, não havia bons modos que não fossem para elle; por que cada qual sabia que era o mais seguro meio de estar bem com a corte, e que, com o seu ar inocente, a mula do Papa tinha levado mais d'um à fortuna, a prova Tistet Vedene e a sua prodigiosa aventura.

Este Tistet Vedene era, no começo, um atrevido galopim, que seu paiz Guy Vedene, o escultor de ouro, tinha sido obrigado a expulsar de casa, porque o rapaz não queria trabalhar e debocava os aprendizes. Durante seis mezes vitam-o correr todas as ruas de Avignon, mas principalmente do lado da casa papal; porque o patrício tinha a muito na sua ideia sobre a mula do Papa, e os senhores vão ver que era causa de esperto... Um dia que San Santiadre passava sossinho pelos arredores com o animal, ei que o meu Tistet se approximou, e lhe diz erguendo as mãos, com ar de espanto:

— «Oh! meu Deus! Senhor Santo Padre, que bela mula que tem!... Deixe-me olhar um bocadinho para ella... Ah! sr. Papa que linda mula!... O imperador d'Allemanha não tem uma igual!»

E fazia-lhe festas, e fallava-lhe docemente como se falasse a uma menina.

— « Ande para aqui, meu amor, meu thesouro, minha perola... »

E o bom Papa, todo commovido, dizia consigo:

— « Que bom rapazinho!... Como é amavel com a minha mula! »

E depois, no dia seguinte, querem saber o que sucedeu? Tiset Vedène trouxe a velha jacquinha amarela por uma bela alva de rendas, uma opa de seda cár de violeta, sapatos de livella, e entrou para o corredor do Papa, para onde antes d'elle nunca tinham ido senão os filhos de nobres e sobrinhos de cardenais... Ali está o que é a intriga!... E não ficou por aqui o amigo Tiset.

Uma vez ao serviço do Papa, o brejeiro continuou com o mesmo jogo que tanto lhe servira. Insolente com todos, não tinha atenções nem deferências senão para com a mula, e sempre o encontravam pelos paixões do palácio com um punhado d'aveia ou um molho de palha, sacudindo-se e olhando para a varanda do Santo Padre, com o ar de quem diz: « Heim!... para quem é isto?... » E assim foi fazendo, que por fim o bom do Papa, que já se sentia velho, chegou a confiar-lhe o cuidado de vigor pela cavalaria e de levar a mula a sua tijella de vinho à francesa; o que não fazia tirar os próprios cardenais...

* * *

Nem tão pouco à mula, o caso não a fazia rir... Agora, à hora do seu vinho, via sempre chegar cinco ou seis meninos do côro que logo se deitavam pela palha com as opas e as rendas; depois, passado um momento, um bom cheiro quente de caramelos e aromas enchia a cavalaria, e Tiset Vendène apparecia trazendo com precaução a tijella de vinho à francesa. Coimava então o martyrio do pobre animal.

Este vinho perfumado que tanto amava, que a aquecia tanto, que lhe dava azas, tinha a crudelidade de o trazer para si, para a sua mangerdoura, de lho dar a cheirar; depois, quando tinha as ventas bem cheias, era uma vez a tijella! O bello licor de chamma cár de rosa ia-se todo pelas guelas d'estes patifes... E ainda se apenes se limitassem a roubar-lhe o vinho; mas eram como demônios, quando tinham bebido, todos estes meninos do côro!... Um puchavam-lhe pelas orelhas, outro pela cauda; Quiquet trepava-lhe para cima do lombo, Beluguet via se o barrete lhe servia, e nenhum d'estes gaiatos sonhava que, com um coice, ou mesmo um safanão, o bravo animal podia mandal-os todos para a estrela polar, e mesmo para mais longe...

Mas não! Não se é impunemente a mula do Papa, a mula das bençãos e das indulgências... Os rapazes podiam fazer o que quisessem, não se zangava; e só quem ella não podia ver era Tiset Vendène... Esse quando o sentia por detrás, até as patas lhe mordiam, e na verdade tinha razão. Este bandido do Tiset fazia-lhe tantas maldades! tinha tão cruéis invenções quando a levava a beber!...

Então um dia não se lembrou de a fazer subir com elle para a torre da egreja, lá para cima, já muito para cima, mesmo no alto do palácio... E o que lhes digo aqui não é uma história, duzentos mil provenções o viram. Imaginem o terror d'esta desgraçada mula, depois de ter andado às cegas n'uma escada em caracol e trepado não sei quantos degraus, ver-se de repente n'um terraço deslumbrante de luz, e a mil pés abajo!

d'ella ver um Avignon phantastico, as barraças do mercado tão grandes como nozes, os soldados do Papa diante da caseraria como formigas encarnadas, e lá no fundo, sobre um fio de prata, uma ponte microscopicá onde se dançava, onde se dançava... Ai! o pobre animal! que terror! Tamanhão gemido soltou, que até tremeram todos os vidros de palácio.

— « O que é que aconteceu? o que é que lhe fizeram? » exclama o bom Papa precipitando-se para a varanda.

Tiset Vedène estava já no patio, singindo que chorava e puchando pelos cabellos:

— « Ai, sr. Santo-Padre, o que aconteceu? É a sua mula... Meu Deus! o que vai ser de nós?... É a sua mula que subiu para a torre... »

— « Sósinha?... »

— « Sim, sr. Santo-Padre, sósinha... Queria olhar lá para cima... Não te vê as orelhas?... Parecem duas andorinhas!... »

— « Misericordia! — exclamou o pobre Papa erguendo os olhos... Mas endoidecen! Mas vae-se matar!... Desce depressa, desgraçada!... »

Que novidade! o que a mula quer é descer...; mas por onde? Pela escada, é escusado pensar em tal: por ali ainda se sobe; mas para descer há occasião para quebrar centevezes as pernas... A pobre mula estava astuta, e, olhando em torno da plataforma com os grandes olhos cheios de vertigem, ia pensando em Tiset Vedène:

— « Ah! bandido, se eu escapo..., que coice que tu apanhas amanhã de manhã! »

Esta ideia do coice dava-lhe alma às pernas; se assim não fosse não se teria podido aguentar com tanto susto... Por fim chegaram a tirar-lá de cima, mas tudo isto foi um trabalho enorme. Foi preciso descel-a com uma rollana, cordas e pediolas. E imaginem que humilhação para a mula d'um Papa, ver-se suspensa d'esta altura, nadando com as patas no vazio, como um besouro no extremo d'um fio! E Avignon enteiro que olhava para ella!...

O desgraçado animal não dormiu nessa noite. Parecia-lhe sempre que andava à volta d'esta maldicta placa-forma, com os risos da cidade por baixo. Depois, pensava n'este infame Tiset Vendène e no lindo coice que havia de apanhar na manhã do dia seguinte. Ah! meus amigos que coice! Ha-de-se ver a fumaça cinco leguas em redondo...

Ora enquanto lhe preparavam esta bella recepção na cavalaria, sabem o que fazia Tiset Vendène? Descia o Rhône cantando sobre uma galera papal, e ia para a corte de Nápoles com o bando dos rapazes nobres que a cidade mandava todos os annos para junto da rainha Joana, apprenderem diplomacia e exercitarem-se nas bôas práticas. Tiset não era nobre; mas o Papa queria recompensar-lhe pelos cuidados que sempre dispensara ao animal, e principalmente pela actividade com que andara no famoso dia da descida da torre...

Foi a mula que ficou desapontada no dia seguinte:

— « Ah! o bandido! recebeu alguma... pensou a mula sacudindo os guisos com desespero...; mas deixa estar, meu malvado, que o não perdes! A volta encontrarás o teu coice... eu t'guardarei!... »

E guardou-lho.

* * *

Depois da partida de Tiset, a mula do Papa voltou aos seus hábitos de vida tranquilla, aos seus gozos d'outroura. Foi-se Quiquet, foi-se Beluguet da cavalaria. Voltaram os bellos dias do vinho à francesa, e com elles o bom humor, as longas sestas, gingar o seu bocado quando passava sobre a ponte d'Avignon. Comtudo, desde a famosa aventura, notavam-lhe na cida de uma certa frieza. Havia segredinhos pela estrada: os velhos abanavam a cabeça, os novos rião apontando para a torre. O próprio Papa já não tinha confiança na sua companheira, e, quando se deixava adormecer sobre o lombo da mula, aos domingos, ao voltar da vinha, nunca o abandonava esta ideia: « E se eu vou acordar lá em cima, sobre a placa-forma! O animal via isto, e sofria, sem dar palavra; sómente, quando pronunciavam o nome de Tiset Vendène na sua frente, as grandes orelhas tremiam-lhe, e, com um sorriso, amolava as ferraduras sobre o lagédo... »

Assim se passaram sete annos; depois, ao cubo d'estes sete annos, Tiset Vendène voltou da corte de Naples. O seu tempo ainda não tinha acabado; mas como soube que o mostardeiro-mór do Papa tinha morrido subitamente em Avignon, e, como o lugar lhe parecesse bom, chegou a toda pressa para se propôr.

Quando este intrigante da Vedène entrou na sala do palácio, o Santo-Padre custou-lhe a reconhecer-o tanto elle tinha crescido e engrossado. É preciso dizer-se também que o bom do Papa, pela sua parte, envelhecerá, e que já não via bem sem óculos.

Tiset não se intimidou:

— « Pois quê! sr. Santo-Padre, já me não conhece... Sou eu, Tiset Vendène!... »

— « Vendène?... »

— « Sim sr.; sabe perfeitamente... aquelle que levava o vinho frances à sua mula. »

— « Ah! sim... sim... agora me lembro... Muito bom rapazinho, o Tiset Vendène... E o que é que elle agora quer de nós?... »

— « Oh! muito pouca cousa, sr. Santo-Padre... Vinha-lhe pedir... A propósito, ainda a tem, a sua mulinha? E ella vai bem?... Ora muito estimol... Vinha-lhe pedir o lugar do mostardeiro-mór que acaba de morrer. »

— « Tu, mostardeiro-mór!... És muito novo. Que idade tens? »

— « Vinte annos e dois meses, illustre pontífice, cinco annos mais velho que a sua mula... Ai! meu Deus! que excellento animal! Se soubesse como eu gostava da sua mula..., como eu a amava... como tive tantas saudades d'ella em Itália!... Não a poderei ver?... »

— « Ora essa, meu filho, has de vê-la, exclamou o bom Papa todo commovido... E como tu gostas tanto d'este bello animal, nunca mais has de viver longe d'elle. A partir de hoje ficas sendo mostardeiro-mór... Os meus cardenais vão gritar, pouco me importa! já estou habituado... Vem ver-nos amanhã, á saída das vespas, nós te daremos as insignias do teu grau em presença do nosso capitólio, e depois... levavate a mula e depois virás comigo à vinha... ai! hei! Vae, meu rapazinho, vai... »

St. Tiset Vendène estava contente, e saiu de grande sala, e com que impetuosa velocidade a cerimónia do dia seguinte, não perdendo de olhar. Mas havia em palácio alguma outra

mais feliz e mais impaciente do que elle : era a mula. Desde a volta de Vedène até às vespertas, o terrível animal não cessou de se encher d'aveia e de atirar coices contra a parede. Também ella se preparava para a cerimónia...

* *

Ora pois, no dia seguinte, quando as vespertas foram ditas, Tistet Vedène fez a sua entrada no patio papal. Todo o alto clero estava lá, os cardenais de suas vermelhas, o advogado do diabo vestido de velludo preto, os abbes do convento com as suas mitras, os tesoureiros de Santo-Agrico, as opas cér de violeta do côr, o baixo clero tambem, os soldados de Papa em grande uniforme, as trez confrarias de penitentes, os ermitas do monte Venitour com as physionomias ferozes e o sachristão que segue atraç com a campainha, os frades flagellantes, nus só à cintura, os sachristas com saias de juizes, todos, todos, todos, até os que dão agua-benta á porta da egreja, e o que accende, e o que apaga : não houve um só que fultasse... Ah! era uma bella ordenação ! Sinos, foguetes, sol, musica, e sempre estes furiosos tamboins que dirigiam a dança, lá ao fundo, sobre a ponte d'Avignon...



PORUGAL EM ANVERS. — Uma sala da secção portuguesa.

Quando Vedène apareceu no meio da assembleia, o seu desembarço e a sua bela presença fizeram correr um murmúrio d'admiração. Era um magnifico provençal, mas dos louros, com grandes cabellos encaracolados nas pontas, e uma barba ainda muito moça, que parecia feita dos fios do fino metal caídos do buril de seu pae, o escultor d'ouro. O boato corria que por esta barba loura tinham passado algumas vezes os dédos da rainha Joanna : e o sr. de Vedène tinha com efeito o ar glorioso e o olhar distraído dos homens que as rainhas amaram... Nesse dia, para honrar a sua nação, tinha subsituído os seus fatos napolitanos por uma jaqueta à provençal bordada a cér de rosa, e no seu chapéu tremia uma penna d'ibis da Camarga.

Apenas entrou, o mostardeiro-mór comprimento com um ar galante, e dirigio-se para o alto potumar, onde o Papa o esperava para lhe entregar as insignias do grau : a colher de buxo amarelo e a casuca cér de açafraõ. A mula estava ao pé da escada, toda ajacizada e prestes a partir para a viinha... Quando lhe passou ao lado, Tistet Vedène teve um bom sorriso, e parou para lhe dar duas ou trez palmadas amigas sobre o lombo, olhando de lado para ver se o Papa o via. A posição era bôa... A mula descarregou.



PARIS PINTORESCO. — Projeto da decoração do Arco do Triunpho.



ITALIA. — A LAVAGEM DOS CARNEIROS NOS CAMPOS DE ROMA

— « ora apanha, bandido! Ha sete annos que eu t'io guardo! »

E descarragou-lhe um coice tão terrível, tão terrível, que cíndas saíram em redondo se via a fumaça, um tunelito de fumaça loura onde volteava uma pomba-d'abis; tudo quanto restava do infeliz Tieta de Vedene... .

Os coices das mulas, em geral, não são tão fulminantes; mas esta era uma mula papal; e depois, pensam nisto! tinha-o de reserva ha sete annos... .

Não quero que haja um mais bello exemplo de odio eclesiástico!

ALPHONSE DAUDET.

O SONHO DE JOANNA

(De *Yves l'écœ Grands-père*, de Victor Hugo)

Ella adormeceu ali pelo meio do dia,
Pois os clarões tem de sotinas d'alteza
Mais preciso que nós: para os que vem da cén
Esta terra é tão farta! — Ella tenta, sem vêr,
Tornara ver Ariel, Cherubim, lindas fadas,
Todos os amigos bons, todos os camaradas.
Dureante o seu dormir, Deus vem-me acalentar.
Se fosse permitido aos homens ganhar
O sonho da criança, — oh! que deslumbramento!
Paracessos na sombra... um grande movimento
De estrelas, que, ao passar, aconselham de lá
À dormente gentil que não deve ser má...
Esplendor immortal! apparições fulgentes!
Quando os raios do sol são já menos ardentes
E interessa a natureza aquela em fundo paz;
Quando é mais leve folha assocegar atraq
E nos riachos não se ouve o mínimo ruído,
É quando elle descaia no sono apetecido...
E então respira um gozo a cuidadosos mãe,
Que servir a um filhão chegava cansa: também!
Seus pequeninos pes, tão lindos, tão mimosos,
Dormem... Uniãoço aquela, em sendas napoconas,
De modo que nos lembra a auréola d'uma flor;
Vem-lhe cercar o berço — o seu berço, umprimor,
Uma nuvem de renda, aquela se nos figura.
Vendo-a deitada ali, imagem da candura,
Julga-se estar a ver a brilhante reflexão
Da linda cor de rosas em rosa guarnição...
Sente-se, no contemplar, o espírito sereno...
É um astro que tem a mais a ser pequeno,
A namorada sombra adora-a em beijos mil,
O vento nem suspira desprendeu arrois subtil...
De repente, Joanna, as palpebras descerrá
E entorna em devoção tua a manhã que encerra
Nos seus olhos... Primeiro vestindo intílioaco, assim
Como quem tem preguiça os pestões, por fim,
Móveis-as também; depois, mas tão e tão contente,
Que os anjos para a ouvir curvam-se alegremente,
Principais a chitão... — Então, mais que felizes,
Beijando com o olhar a filha que Deus quis
Que fosse tão famosa, e um nome procurando
Suave e harmonioso, a voz no ton mais brando,
Ao seu amado querido, a sua vida e amor,
Dir, num sorriso, a mãe: — « Pois já escuchaste? Horro! »

Porto.

ANTÓNIO DA GUNHA.



Os nossos actos são como os nossos filhos; uma vez nascidos, tocam a sua vida própria e independentemente; pode-se mesmo estrangular os filhos, mas os actos é que nunca os podemos suprimir.

JORGES EDITOR.

O Theatro-Françez é a glória da França, a Ópera não é senão a sua vanidade.

NAPOLÉON I.

Moral lisboeta: Dão-se 25 contos de réis para S. Carlos, para a vanidade, para os italianos; e não ha 5 réis de subsídio para o theatro nacional, para a literatura dramática, para os artistas nacionais!

AURORA... DE « BRASSERIE »

(D'UM FÔRNETO INEDITO)

Ha muito, ha muito já que eu te buscava!
Minha alma, a Visionsaria, bem sabia
Que se ella, insaciada, amava, amava,
Era que o seu amor — sim — existia.

Toda a alma, convicta, ella dizia,

— Tem um par, uma gêmea, e procurava
Essa gêmea que em sonhos lhe sorria,
E que o berço das crenças lhe embalava... .

Por isso o nosso encontro — meu Desejo,
No seu primeiro e demorado beijo
Foi o grito d'amor que nos matava;

Se a tua alma também não te dizia,
Que o teu amor ha muito que existia,
E que ha muito, e que ha muito te buscava!

Paris — 1855.

RATI, DIDIK.



A botanica é a arte de secar plantas entre duas folhas de papel pardo, e de as injuriar em grego e em latim.

ALPH. KARR.

Se ei feliz, não o digas ao mundo: porque o mundo não gosta de ouvir tais confidencias.

BILLINGS.

O homem mau merece que seja odiado: mas se elle sabe que o odeiam, então torna-se ainda mais perigoso.

CONFUCIUS.

A nossa epocha tem isto de particular: que é prodiga em honras para com os mortos illustres; e em insultos para com os vivos.

VERRIOR.

Os soldados, as provisões, a sinceridade, são a força d'um império.

Em caso d'absoluta necessidade, renuncião aos soldados;

Renuncião às provisões;

Conservem preciosamente a sinceridade.

Os soldados morrem, as provisões gastam-se, a sinceridade fica.

CONFUCIUS.

Ter a reputação de má língua serve para dois fins: criar inimigos e ser convidado para jantares.

GIRFAUT.

A verdade é a unica cosa que não é susceptivel de progresso.

BILLINGS.

Se a peste distribuisse pensões, a peste seria capaz de encontrar bajuladores e servos.

SANT.

O GONGO NO « HIPPODROME ».

Um dos espectáculos que nós recomendamos a todos os nossos leitores de passagem em Paris, é a famosa pantomima intitulada *Congo*, que actualmente se representa no Hippodromo. É uma espirituosa alusão às ultimas viagens dos exploradores Brazza e Stanley.

Assiste-se primeiramente à chegada de Solo, grande chefe africano ao reino de Makoko para lhe pedir a filha em casamento. O rei recusa. Sua filha Urika foge de palacio e vai ter com Solo. Declaram-se a guerra entre as duas potências. Makoko é batido... — Até aqui a pantomima permite um espectáculo extravagante, uma luxuosa e brillante caricatura de tipos e danças d'Africa, combates e marchas, n'uma paisagem onde não faltam palmeiras, nem macacos, nem elefantes... .

Mas no meio d'uma grande festa surgem alguns marinheiros franceses collocando apressadamente os rails d'um caminho de ferro sistema Decauville, e pouco depois aparece um verdadeiro caminho de ferro com o explorador francês e o seu sequito. Eis uma das grandes curiosidades da pantomima, este caminho de ferro fazendo irrupção em pleno Hippodromo. Depois aparece Stanley e o seu sequito para explorar o que já está explorado... . e a pantomima termina por uma grande apoteose da Civilização e da Barbarie.

É já coisa celebre na Europa o modo como o Hippodromo de Paris põe em scena as suas pantomimas. N'esta vé-se o mesmo luvo, a mesma riqueza, o mesmo pitoresco. O *Congo* constitue uma verdadeira curiosidade para os que viajam.

THEATRE DES NATIONS

Quando chega junto a maioria dos theatros de Paris fecha, e a excepção dos subvenzionados, raras são aquelas que oferecem uma noite agradável aos estrangeiros de passagem.

Lembramo-nos aos nossos leitores o *theatre des Nations*, onde se representam dramas de grande valor, interpretados por uma companhia especial. Actualmente estão em escena: um interessantissimo *vauville Les chevaliers du pâtre noir* e um drama célebre *La bergere d'Ivry*.

AS MUSICAS DA «ILLUSTRAÇÃO»

NUIT D'ÉTÉ

WEBER

PIANO

pp avec contemplation.

poco marcato il canto.

crescendo.

p

pp

Extrait des 2018, Éditeur Durand et Selsamwerk 6 place de la Madeleine